

## **DESPESAS COM REFUGIADOS ITALIANOS EM CABO VERDE**

Supostamente, em novembro de 1943, o vapor italiano Gerarchia, quando passava ao largo da ilha de São Vicente, no arquipélago de Cabo Verde, apresentou avaria nas máquinas. Foi assistido pelo rebocador Matiota durante uma noite e pela lancha-motor Concha II durante três dias e três noites, encontrando-se ambos ao serviço da Shell Company of Portugal, Lda.

As despesas com o salvamento do vapor italiano custaram 14.362\$70 e incluíram, além do aluguer e do serviço prestado pelos rebocadores, lancha-motor e batelões, o carburante consumido e a gratificação a sete praças que prestaram serviço de patrulha, assim como ao pessoal da capitania.

Da capitania dos portos de Cabo Verde, estiveram envolvidos no salvamento do Gerarchia 29 indivíduos: o cabo do mar Alfredo Pedro Espanhol, três pilotos do porto (José Cândida Morais, António Manuel Rodrigues e Aurélio António Gomes), seis polícias marítimos (Manuel Espírito Santo Lucas, Maximiano Freitas Santos, Manuel Pedro Monteiro, Armando Jesus Lima, Pedro James Wahnnon e António Filipe Évora), dois patrões de lancha (José Nicolau Neves e Pedro Alcântara Évora), dois motoristas de lancha (Adérito António Gomes e Eleutério António Gomes), três ajudantes de lancha (Mateus Francisco Sequeira, Paulo Santos Monteiro e Armando Soares de Brito), 11 marinheiros (João José Soares, João Câncio dos Santos, João Clímaco Santos Évora, Francisco Mendes Santos, Roberto Filipa Silva, Américo Medina, Valentim Manuel da Cruz, Pedro Sousa Delgado, Ladislau Guilherme Português, Pedro Jesus Melo e António Gomes) e, finalmente, o sinaleiro Alberto Santos Mendes. Estes 29 homens receberam, por isso, a quantia de 4.680\$00.

O Gerarchia manteve-se em São Vicente até 28 de abril de 1945, data em que saiu daquele porto rebocado pelo Bailundo com destino a Lisboa. Durante esse período de tempo, foram pagas soldadas, no valor total de 62.004\$93, à tripulação portuguesa a bordo do vapor italiano. Esta tripulação constava, normalmente, de um capitão, um contramestre, três ou quatro marinheiros, um azeitador e entre três e quatro fogueiros.

Porém, outro tipo de dispêndio consta da listagem das despesas feitas com os tripulantes do Gerarchia, como, por exemplo, o pagamento a André José Rodrigues da quantia de 85\$00 referente à «limpeza, caiação e reparação na camarata dos italianos», ou ainda a despesa com os «15 sacos de palha de milho para enchimento de colchões», fornecidos por Avelino Maria Couto pela quantia de 60\$00.

Todavia, apesar da indicação da saída do Gerarchia em abril de 1945 do Porto Grande de São Vicente, muitos dos seus tripulantes não acompanharam o vapor, permanecendo naquela ilha a expensas do governo português. A partir de setembro de 1944, deparamo-nos com recibos de aluguer de casas particulares ocupadas por italianos, representando uma média de 150\$00 mensais por indivíduo.

Durante os meses de outubro e novembro de 1945, a Administração do Concelho de São Vicente despendeu, mensalmente, a quantia de 3.900\$00 com o pagamento de mesadas a 13

italianos, à média de 300\$00 por cada refugiado. Até 31 de dezembro de 1945, despenderam-se 539.681\$20 com a alimentação dos refugiados italianos e 221.419\$59 relativamente ao período entre 1 de janeiro de 1946 e 13 de abril de 1947.

### **A memória dos refugiados italianos no Mindelo**

Dos italianos refugiados, há, na cidade do Mindelo, alguma memória. Segundo o Sr. Aguinaldo Morais, ex-diretor da Alfândega do Mindelo, o Gerarchia estaria em viagem entre a Argentina e a Itália quando rebentou a II Guerra Mundial. Teria recebido instruções para se deslocar para um porto de país neutro, dirigindo-se, então, para o porto da Preguiça, na ilha de São Nicolau, em Cabo Verde, onde ficou durante algum tempo, deslocando-se, depois, para a ilha de São Vicente, aí permanecendo até ao final da guerra.

Quando estava atracado no porto da cidade do Mindelo, dizem que, frequentemente, os submarinos alemães atracavam ao barco, desembarcando tripulantes daquela nacionalidade, que ficavam a bordo do Gerarchia. Os mindelenses lembram-se de ver tripulantes, quer do navio quer dos submarinos, a passear pela cidade, que rotulavam como «espões». Avisadas as autoridades portuguesas do facto, teriam ordenado o desembarque de toda a tripulação do navio, a sua hospedagem em casas particulares e a ocupação do Gerarchia por tropas portuguesas.

Terminada a guerra, o Gerarchia voltaria a escalar o porto de São Vicente para se reabastecer de combustível. Quando deixou o porto, levou a bordo 12 cabo-verdianos clandestinamente, os chamados «fugidos».

Ao que se pôde apurar, nenhum dos tripulantes italianos deixou descendência em Cabo Verde. Porém, o capitão do navio fundou um bar no Mindelo – o «Bar Estrela» –, que ainda existe, sendo um dos mais antigos daquela cidade.

### **Notícias em Lisboa**

Em Lisboa, os jornais refletem a política do país. Na mesma página, citam-se discursos de Hitler e de Roosevelt; há notícias de avanços dos aliados a par com a propaganda nazi do comando alemão. O Diário da Manhã, órgão da União Nacional, no «ano XVII da Revolução Nacional», isto é, a 27 de novembro de 1943, na primeira página, junto a uma fotografia antiga, do jovem Salazar, titula: «Precisamos de estar preparados e decididos para vencer a crise da paz, como se fosse para vencer a guerra – declarou ontem o Presidente do Conselho na Assembleia Nacional. Desde o começo do conflito, ainda nos momentos mais escuros e difíceis, Portugal não deixou nunca de marcar a sua fidelidade à aliança inglesa». O Século, a 4 de dezembro do mesmo ano, emparceira, na primeira página, os títulos: «Berlim foi alvo de novo bombardeamento aéreo noturno britânico que causou enormes destruições» e «Principiou em Tabriz, no Irão, a grande reunião de chefes aliados a que assistem Churchill, Roosevelt e Estalin», com a informação que refere ter sido «autorizada a Câmara Municipal de Alenquer a contrair um empréstimo, na Caixa Geral de Depósitos, no montante de 80 contos, destinado à construção de obras de arte e acessórios do 3.º lanço da estrada Venda-Alenquer».

Por isso, não estranhámos a inexistência de qualquer referência, durante estes anos, ao provável naufrágio do Gerarchia. O próprio jornal O Século referencia, a 23 de dezembro de 1943, que: «A censura militar é aplicada a Cabo Verde. O Diário do Governo publicou ontem uma portaria determinando que, enquanto durarem as atuais condições de emergência, fiquem sujeitas à censura militar as correspondências e encomendas postais, bem como as comunicações por via telegráfica, ou telefónica, por fios ou sem fios, procedentes da colónia de Cabo Verde e a ela destinadas».

No entanto, o mesmo diário descreve, a 5 e a 14 de maio de 1945, pormenorizadamente, o salvamento de onze aviadores ingleses, recolhidos pelo vapor Guiné e desembarcados em São Vicente de Cabo Verde. Igualmente o Diário da Manhã, a 1 de dezembro de 1943 refere que: «caiu em Espanha um avião norte-americano. Informam de Algeciras, que uma 'fortaleza voadora' caiu em território espanhol, nos arredores de Algeciras». Ao invés, relativamente ao naufrágio do Gerarchia, não é referida qualquer notícia.

De igual forma, a imprensa cabo-verdiana, nomeadamente o Notícias de Cabo Verde, órgão regionalista independente, publicado em São Vicente, ignora por completo nas suas páginas a estada durante todos aqueles anos do vapor italiano. Apesar disso, são constantemente noticiadas as partidas e chegadas de navios: «Fundeu neste porto no dia 15 de outubro, o navio escola 'Sagres' sob o comando do capitão-tenente Sr. Marcos Garin. Em viagem de instrução, deve permanecer nesta ilha mais de um mês, devendo seguir depois para o Brasil. O navio 'Sagres' é bem conhecido e simpático à população de São Vicente. Apresentamos os nossos cumprimentos de boas vindas»; ou: «Vindo de Lisboa, no vapor Guiné, chegou a esta cidade o Sr. João de Carvalho Daun e Lorena (Pombal) professor do liceu de Gil Eanes. Vindos da capital da Nação desembarcaram do paquete 'Serpa Pinto' (...) as Sras. D. Maria da Conceição Pereira de Sousa e D. Inês Augusta Machado, professoras do liceu» (n.º 194, de 25 de outubro de 1940). Eram ainda frequentes as notícias de salvamentos de navios aliados torpedeados. A título meramente exemplificativo, a 25 de março de 1941, o Notícias de Cabo Verde relata o salvamento dos tripulantes do vapor holandês Taponoeir e dos ingleses Clanmmacnab e Andaluzian. A 25 de maio do mesmo ano, é a vez do vapor inglês Calchas, enquanto a 28 de junho se noticia o torpedeamento dos vapores Clanmacdougall e Silveryew e, a 1 de agosto de 1942, são referidos o petroleiro inglês British Teoman e o vapor Sirius, da mesma nacionalidade. Quanto ao Gerarchia e sua tripulação, nem uma linha.

Porém, a 9 de junho de 1945, o situacionista Diário da Manhã refere «uma notícia curiosa: o 'Bailundo', da Companhia Colonial de Navegação, que estava em Bissau, vem já a caminho de Lisboa. Sucede isto a todos os barcos, claro, mas o curioso está nisto: o 'Bailundo' que é um barco de 8.000 toneladas, traz a reboque um barco de cerca de 5.000 – o 'Gerarchia', italiano que se encontrava retido no porto de S. Vicente, há alguns anos e foi agora adquirido pela CNN – que vêm com um carregamento de oleaginosas destinado à CUF». A 18 de junho de 1945, o Diário da Manhã noticia a entrada no Tejo dos dois navios: «A nova unidade da nossa frota, que passou a chamar-se 'Lunda', estava fundeada em Cabo Verde desde 1940».

Assim se confirmam as informações provenientes da cidade do Mindelo, que indicam que o navio teria aportado a São Vicente muito antes de novembro de 1943, data em que os pagamentos relativos ao seu «salvamento» tiveram lugar. Tal facto é, igualmente, atestado por uma informação proveniente da Junta Nacional da Marinha Mercante, com data de 23 de setembro de 1942 – um ano antes do «naufrágio» do Gerarchia –, onde se propõe a aquisição daquele vapor pela Companhia Colonial de Navegação para substituir o Lobito na carreira de África.

### **O reembolso das despesas**

A totalidade das despesas feitas com os refugiados italianos em Cabo Verde montou a 940.900\$43, verba relativamente pequena se comparada com as quantias despendidas noutros locais. Os súbditos italianos não escolheram somente Cabo Verde como local de refúgio. Também no território continental lhes foi prestada assistência (orçando os 1.800\$00), no Funchal (71.927\$90), na Índia (1.237.433\$12), e em Moçambique, onde a quantia gasta se elevou à significativa cifra de 9.404.379\$71.

Na sua globalidade, 11.656.441\$16 foi a quantia despendida com a assistência a refugiados de origem italiana em território português, verba distribuída entre os anos de 1944 e 1952, tendo-se atingido a verba mais elevada no ano de 1946 (8.963.147\$19).

A 17 de janeiro de 1948, a sociedade Linee Aeree Transcontinentali Italiane (LATI) cedeu ao governo português as instalações e bens que possuía na ilha do Sal, no valor de 7.500 contos, para liquidação de parte dos débitos do governo italiano ao governo português pela assistência prestada em território nacional. Nesta quantia, estava compreendida a importância de 2.000 contos, fixada a título de indemnização e pagamento de materiais extraviados durante o período de ocupação da base da ilha do Sal pelas tropas portuguesas, pelo que a verba que, efetivamente, entrou nos cofres portugueses se cifrou em 5.500 contos. Ficou, assim, reduzido a 6.156.441\$16 o débito do governo italiano a Portugal. Ignoramos quando e se tal quantia chegou, alguma vez, a ser reembolsada.

Ana Teixeira Gaspar

Nota: Gostaríamos de agradecer a disponibilidade da Sra. D. Neuza Freitas e do sr. Aguinaldo Morais, ex-diretor da Alfândega do Mindelo, citado no texto, que se prestaram a dar-nos esclarecimentos sobre a memória que, no Mindelo, subsiste da permanência destes refugiados italianos.

Por isso, não estranhámos a inexistência de qualquer referência, durante estes anos, ao provável naufrágio do Gerarchia. O próprio jornal O Século referencia, a 23 de dezembro de 1943, que: «A censura militar é aplicada a Cabo Verde. O Diário do Governo publicou ontem uma portaria determinando que, enquanto durarem as atuais condições de emergência, fiquem sujeitas à censura militar as correspondências e encomendas postais, bem como as comunicações por via telegráfica, ou telefónica, por fios ou sem fios, procedentes da colónia de Cabo Verde e a ela destinadas».

No entanto, o mesmo diário descreve, a 5 e a 14 de maio de 1945, pormenorizadamente, o salvamento de onze aviadores ingleses, recolhidos pelo vapor Guiné e desembarcados em São Vicente de Cabo Verde. Igualmente o Diário da Manhã, a 1 de dezembro de 1943 refere que: «caiu em Espanha um avião norte-americano. Informam de Algeciras, que uma 'fortaleza voadora' caiu em território espanhol, nos arredores de Algeciras». Ao invés, relativamente ao naufrágio do Gerarchia, não é referida qualquer notícia.

De igual forma, a imprensa cabo-verdiana, nomeadamente o Notícias de Cabo Verde, órgão regionalista independente, publicado em São Vicente, ignora por completo nas suas páginas a estada durante todos aqueles anos do vapor italiano. Apesar disso, são constantemente noticiadas as partidas e chegadas de navios: «Fundeu neste porto no dia 15 de outubro, o navio escola 'Sagres' sob o comando do capitão-tenente Sr. Marcos Garin. Em viagem de instrução, deve permanecer nesta ilha mais de um mês, devendo seguir depois para o Brasil. O navio 'Sagres' é bem conhecido e simpático à população de São Vicente. Apresentamos os nossos cumprimentos de boas vindas»; ou: «Vindo de Lisboa, no vapor Guiné, chegou a esta cidade o Sr. João de Carvalho Daun e Lorena (Pombal) professor do liceu de Gil Eanes. Vindos da capital da Nação desembarcaram do paquete 'Serpa Pinto' (...) as Sras. D. Maria da Conceição Pereira de Sousa e D. Inês Augusta Machado, professoras do liceu» (n.º 194, de 25 de outubro de 1940). Eram ainda frequentes as notícias de salvamentos de navios aliados torpedeados. A título meramente exemplificativo, a 25 de março de 1941, o Notícias de Cabo Verde relata o salvamento dos tripulantes do vapor holandês Taponoeir e dos ingleses Clanmmacnab e Andaluzian. A 25 de maio do mesmo ano, é a vez do vapor inglês Calchas, enquanto a 28 de junho se noticia o torpedeamento dos vapores Clanmacdougall e Silveryew e, a 1 de agosto de 1942, são referidos o petroleiro inglês British Teoman e o vapor Sirius, da mesma nacionalidade. Quanto ao Gerarchia e sua tripulação, nem uma linha.

Porém, a 9 de junho de 1945, o situacionista Diário da Manhã refere «uma notícia curiosa: o 'Bailundo', da Companhia Colonial de Navegação, que estava em Bissau, vem já a caminho de Lisboa. Sucede isto a todos os barcos, claro, mas o curioso está nisto: o 'Bailundo' que é um barco de 8.000 toneladas, traz a reboque um barco de cerca de 5.000 – o 'Gerarchia', italiano que se encontrava retido no porto de S. Vicente, há alguns anos e foi agora adquirido pela CNN – que vêm com um carregamento de oleaginosas destinado à CUF». A 18 de junho de 1945, o Diário da Manhã noticia a entrada no Tejo dos dois navios: «A nova unidade da nossa frota, que passou a chamar-se 'Lunda', estava fundeada em Cabo Verde desde 1940».

Assim se confirmam as informações provenientes da cidade do Mindelo, que indicam que o navio teria aportado a São Vicente muito antes de novembro de 1943, data em que os pagamentos relativos ao seu «salvamento» tiveram lugar. Tal facto é, igualmente, atestado por uma informação proveniente da Junta Nacional da Marinha Mercante, com data de 23 de setembro de 1942 – um ano antes do «naufrágio» do Gerarchia –, onde se propõe a aquisição daquele vapor pela Companhia Colonial de Navegação para substituir o Lobito na carreira de África.

### **O reembolso das despesas**

A totalidade das despesas feitas com os refugiados italianos em Cabo Verde montou a 940.900\$43, verba relativamente pequena se comparada com as quantias despendidas noutros locais. Os súbditos italianos não escolheram somente Cabo Verde como local de refúgio. Também no território continental lhes foi prestada assistência (orçando os 1.800\$00), no Funchal (71.927\$90), na Índia (1.237.433\$12), e em Moçambique, onde a quantia gasta se elevou à significativa cifra de 9.404.379\$71.

Na sua globalidade, 11.656.441\$16 foi a quantia despendida com a assistência a refugiados de origem italiana em território português, verba distribuída entre os anos de 1944 e 1952, tendo-se atingido a verba mais elevada no ano de 1946 (8.963.147\$19).

A 17 de janeiro de 1948, a sociedade Linee Aeree Transcontinentali Italiane (LATI) cedeu ao governo português as instalações e bens que possuía na ilha do Sal, no valor de 7.500 contos, para liquidação de parte dos débitos do governo italiano ao governo português pela assistência prestada em território nacional. Nesta quantia, estava compreendida a importância de 2.000 contos, fixada a título de indemnização e pagamento de materiais extraviados durante o período de ocupação da base da ilha do Sal pelas tropas portuguesas, pelo que a verba que, efetivamente, entrou nos cofres portugueses se cifrou em 5.500 contos. Ficou, assim, reduzido a 6.156.441\$16 o débito do governo italiano a Portugal. Ignoramos quando e se tal quantia chegou, alguma vez, a ser reembolsada.

Ana Teixeira Gaspar

Nota: Gostaríamos de agradecer a disponibilidade da Sra. D. Neuza Freitas e do sr. Aguiinaldo Morais, ex-diretor da Alfândega do Mindelo, citado no texto, que se prestaram a dar-nos esclarecimentos sobre a memória que, no Mindelo, subsiste da permanência destes refugiados italianos.